

Jean BRUN

## *Filosofia e Cristianismo*<sup>1</sup>

[Fascículo 4 – De Nietzsche em diante – 1]

Essa dinamização da Verdade pelo saber do homem, que se identifica assim ao Absoluto em marcha na história, desemboca numa apologia do devir enquanto tal, liberado de todo sujeito e de toda referência a quaisquer balizas eternas.

Protágoras havia proclamado que o homem era a medida de todas as coisas, entendendo por *homem* o indivíduo ; o século XIX retomou esse adágio por sua conta, mas tomando *homem* no sentido de *Humanidade* ou de *Sociedade*. Eis que o século XX em vez de terminar se esforça para esvaziar a noção de homem e se empenha em mostrar que, para falar com propriedade, o homem enquanto tal não existe, pois ele não é senão uma parte ínfima da natureza, ao mesmo título que os animais, as plantas ou as pedras. Daí, tira-se a indução de que, não havendo nem essência nem existência do homem, não há, em consequência, medida nenhuma.

Aí está o que se encontra no coração do pensamento de Nietzsche, com quem a Verdade parte à deriva como um barco bêbado arrebatado pelos refulgentes pandemônios dos continentes desatracados. Nietzsche com efeito denuncia todos os Aléns, canta a “inocência do devir”, quebra as tábuas de valores e aspira a situar-se “para além do Bem e do Mal”. Não é mais a Verdade que está em marcha, como em Hegel, é a marcha que é a verdade, mas uma marcha em estado puro que recusa toda idéia de meta e de sentido e, em consequência, toda idéia de caminho.<sup>2</sup> Tirando o véu que lhe ocultava a Verdade, o homem tinha acreditado contemplar-se a si mesmo ; eis que ele agora afirma que não há nada por trás desse véu e que o único erro é crer que exista uma verdade. Somos portanto convidados a nos entregar ao acaso,<sup>3</sup> a aprender a beber em todos os copos<sup>4</sup>, para fazer da nossa vida um instrumento de conhecimento<sup>5</sup>.

A instauração kantiana da verdade vinha de par com a regionalização desta última e reservava para a coisa-em-si um domínio incognoscível. Hegel havia colocado essa coisa-em-si em marcha no tempo, havia feito dela o devir de si mesma e a havia apresentado como Resultado. Nietzsche vai contra a idéia de que possa haver um sujeito,<sup>6</sup> mesmo que fosse em devir, ou um liame de causalidade<sup>7</sup> que permitisse distinguir coisas-causas e coisas-feitos ; quaisquer que sejam, todas as nossas considerações sobre a verdade não são senão fábulas forjadas por uma cabeça humana.<sup>8</sup>

---

<sup>1</sup> Traduzido por Olavo de Carvalho para exclusivo uso em aula pelos alunos do Seminário de Filosofia. Proibida a divulgação por quaisquer meios. [N. T.]

<sup>2</sup> Cf. Nietzsche, *Ainsi parlait Zarathoustra*, “De l’esprit de lourdeur”, 2, trad. de Maurice Betz, Paris, Gallimard, 1936, p. 182 ; *Humain trop humain*, § 638.

<sup>3</sup> Nietzsche, *Ainsi parlait Zarathoustra*, “Le chant de la mélancolie 3”, p. 269.

<sup>4</sup> Nietzsche, *op. cit.*, “De la sagesse des hommes”, p. 140.

<sup>5</sup> Nietzsche, *Le Gai Savoir*, § 283.

<sup>6</sup> Cf. Nietzsche, *La Volonté de Puissance*, trad. de Geneviève Bianquis, Paris, Gallimard, 1942, t. I, pp. 65, 79, 86 ; *Par-delà le bien et le mal*, §20.

<sup>7</sup> Cf. Nietzsche, *Le Gai Savoir*, § 112 ; *Par-delà le bien et le mal* § 21 ; *La Volonté de Puissance*, t. I, p. 84 ; *Le Crépuscule des Idoles*, “Les quatre grandes erreurs” 3, 4.

<sup>8</sup> Nietzsche, *Humain, trop humain*.

O anti-humanismo de Nietzsche arraiga-se na convicção de que há nisso uma “ingenuidade hiperbólica”<sup>9</sup> do homem que o impele a hipostasiar, em valores transcendentais, perspectivas de utilidade ou de ressentimento. Não há nem meta, nem unidade, nem verdade da existência, de tal modo que aquilo que chamamos verdade não é senão uma escapatória, um erro, ou antes, constitui o erro por excelência: “Fomos nós que criamos um mundo provido de um valor! Uma vez conhecido isso, reconhecemos também que o respeito à verdade é a *consequência* de uma *ilusão* e que é preciso avaliar mais alto a força plástica simplificadora, construção inventiva. Tudo é falso! Tudo é permitido!”

A dinamização hegeliana da verdade terminou por desembocar na *desintegração* da verdade. O “Grande Desejo” cantado por Zarathustra triunfa nesse desnorteamento que vagabundeia no seio da aparência curativa do ser. Essa aparência não é o contrário da realidade, ela é a realidade mesma, pois tudo se reduz a traços coreográficos deixados pela vida que dança como os elfos ou como um fogo-fátuo<sup>10</sup>.

Essa desagregação da verdade, essa denúncia contra o ser, o sujeito, o caminho, a meta, opera a desancoragem do homem. A dor de não encontrar morada nesta Terra quis superar-se no ataque à idéia mesma de morada e numa exploração de todos os abismos, bem como de todos os cumes, dominada por um *sim* incondicional. Eis por que Nietzsche vaticina: “Esgotai o suco das situações e dos acasos, e depois passai a outros! Não basta ser um só homem, se bem que seja um começo necessário. Isso seria exortar-vos a que vos limitásseis! Mas passar de uma individualidade a outra e atravessar as existências inumeráveis de uma multidão de seres!”<sup>11</sup>

O Grande Desejo já se chamava entre os gregos Eros, *Ephesis*, *Orexis*. Todavia, entre eles, ele aspirava a desvelar a Verdade oculta com a qual o homem desejaria fazer-se um. Em Nietzsche, esse desejo se toma a si mesmo por objeto, quer ultrapassar todas as transcendências que pudessem limitá-lo, a fim de se tornar o argonauta do além de todas as terras, o explorador do Alhures de todos os alhures.

Não se trata mais, portanto, de desvelar a verdade, nem de instaurá-la, nem de dinamizá-la; trata-se de liberar-se dela, e é bem notável que essa liberação venha junto com uma desagregação do sujeito. Com Nietzsche, não há mais substância nem sujeito que permaneça ou que marche; não há senão a Marcha que, ao focalizar-se num ponto, faz surgir o sujeito enquanto acidente momentâneo dessa marcha fechada sobre ela mesma no Eterno Retorno como imagem-clarão jorrada do fluxo eterno. O nihilismo ativo enaltece o Grande Desejo do homem, fazendo explodir este último no Desejo mesmo.

Afirmou-se com frequência que o pensamento de Nietzsche marcava o fim da filosofia, e ele mesmo via na sua obra aquilo que separaria dois milênios. Se querem entender por isso que, cronologicamente falando, Nietzsche constitui o último filósofo e que, depois dele, não poderia mais haver reflexão filosófica, encontramos-nos em presença de uma afirmação tão gratuita quanto aquela que pretendesse que Schoenberg colocou um ponto final na história da música. Mas, se se trata de entender que, na eternidade do filosofar, Nietzsche representa um ponto de desembocadura do Grande Desejo que assombra os subterrâneos da história e que, no curso dos séculos, aflorou à superfície do tempo como *acesso* à verdade, *instauração*, *dinamização* e depois *desagregação* desta última, – então é bem possível que nos encontremos em presença de uma afirmação extremamente profunda.

Essa afirmação consistiria em reconhecer que, em Nietzsche, o Grande Desejo explodiu numa luz engecedora com a qual ele não faz senão um. A invocação exacerbada do Super-Homem, a desagregação do sujeito, a eliminação de todo *Além* e da idéia mesma de verdade, em proveito de um Aparecer que se auto-engendra, testemunha, no mais alto grau, a tentativa do

---

<sup>9</sup> Nietzsche, *La Volonté de Puissance*, t. II, p. 47.

<sup>10</sup> Nietzsche, *Le Gai Savoir*, § 54.

<sup>11</sup> Nietzsche, *La Volonté de Puissance*, t. II, p. 325.

homem de se curar de si mesmo e do mundo, para arrancar-se à sua condição, vivenciada como um gueto. Todavia, convém sublinhar que o empreendimento de Nietzsche implica um desespero profundo e um dilaceramento que ele acreditou poder esquecer mediante o mergulho nos abismos. Nietzsche foi, com efeito, um pensador trágico cujo grito “Deus está morto”, pronunciado pelo insensato na *Gaia Ciência*, permanece, ao mesmo tempo e indissolvelmente, um grito de libertação e um grito de aflição. Que fizemos, pergunta-se ele, ao destacar a Terra do Sol? Não vamos vagando através dum Nada infinito?

Nietzsche foi o Grande Doente, não no sentido médico do termo, como pretendem aqueles que querem explicar uma obra a partir de dados biográficos, mas porque ele encarnou a Paixão do homem entregue ao “sopro gelado do apenas-viver”, paixão que talvez ele mais cantou do que analisou. Esse Grande Errante, como ele se chamava a si próprio, sem pátria, confessando que ele tinha saudades do solo natal sem ter solo natal, não cessou de gritar : “Onde está minha morada?” Não podendo encontrar resposta que viesse dele mesmo, Nietzsche esmerou-se em dissolver desesperadamente o sujeito responsável pela questão, em exorcizar a idéia mesma de morada e em conferir aos jogos dionisíacos do Aparecer as dimensões do Além.

Todavia, a nostalgia da Transcendência encontra-se presente por toda parte na obra de Nietzsche. Desde logo, como o notava Lou Salomé, ele estava incessantemente em busca de um *Ersatz* daquele Deus cuja morte ele havia proclamado ; Dionisos, o Super-Homem e seu profeta Zarathustra nasceram dessa busca. Em seguida, ele confessava cheio de tristeza, “É uma pena que Deus não exista, pelo menos alguém me compreenderia”, confissão feita por um homem que confiava a Lou: “Quero tornar-me de novo um ser humano. Ah, está aí uma tarefa na qual tenho tudo a aprender.”<sup>12</sup>

Enfim, se Nietzsche conferiu ao Eterno Retorno uma vocação escatológica ao elevá-lo ao grau de um Além aberto à peregrinação combinatória, ele, que não estava menos em guerra contra “os professores de objetivo”, proferia uma outra confissão : “Não perco a esperança de algum dia descobrir o buraco que leve a alguma coisa.”

Assim, Nietzsche, o filósofo esmagador, foi ele mesmo um filósofo esmagado. Não havia ele próprio dito e previsto que desapareceria numa tempestade enigmática ou seria ao mesmo tempo o raio e a árvore fulminada? Nietzsche é a imagem mesma do homem que se quebrou contra o portal que ele era para ele mesmo. A quebra e desabamento de Nietzsche não são de ordem estritamente somática ; eles exprimem o aniquilamento do homem que quis se apoiar em si mesmo para se ultrapassar e que, após ter denunciado a idéia da Verdade, se encontrou solitário na câmara central do labirinto, face a face com um monstro que não era senão ele mesmo e com o qual ele se perdeu na noite.

\*

No curso deste estudo sinóptico do Destino da noção da Verdade, Platão, Aristóteles, Plotino, Descartes, Locke, Malebranche, Kant, Hegel, Nietzsche, que citamos, arriscariam ser considerados como outras tantas etapas decisivas na epopéia dessa noção. Ora, é importante precisar que não se trata de maneira alguma de nos entregarmos aqui a um trabalho de periodização, nem de ver nesses filósofos os momentos dialéticos de uma lógica da história que comandasse uma genética das noções. A história, exatamente como a duração dos indivíduos, está construída sobre subterrâneos, que não têm nada a ver com infra-estruturas, por onde passa uma corrente eterna à qual faz alusão a fórmula segundo a qual a história é sempre a mesma, mas, a cada vez, de maneira diferente. Essa corrente traduz o Desejo do homem de se transcender

---

<sup>12</sup> Lou Andréas-Salomé, *Nietzsche*, trad. de Jacques Benoist-Méchin, Paris, Grasset, 1932, p. 111.

para se curar da sua essência e da sua existência a fim de habitar o belo Alhures, a Transcendência de Deus sendo para ele a morada recusada e guardada que ele deve conquistar para poder habitá-la. Pronta a afirmar, em seguida, que tudo pode se tornar morada porque não existe Morada.

Nesse sentido, os filósofos significativos são aqueles nos quais esse Desejo culmina assumindo um rosto novo ; tal novidade nada tem a ver com uma “ruptura epistemológica” qualquer. Ela constitui uma máscara complementar por trás da qual aquele que se proclama o Rei do Mundo oculta a si mesmo o fato de que “esse rei está nu”. A história é um vasto “divertimento”, no sentido pascaliano do termo, no qual o homem tenta se tornar sua própria fonte e seu estuário, de modo a promover êxtases novos abertos sobre um campo de possíveis exorcizadores do real.

Hoje em dia, todas as afirmações de Nietzsche concernentes à morte de Deus, ao sujeito e à Verdade foram passadas no laminador da razão. Elas não traduzem mais a tragédia de uma fratura sem remédio vivida por aquele que, após ter anunciado a morte de Deus, não havia encontrado saída senão na dissolução dele mesmo e do homem ; elas são tomadas como outras tantas provas de que o homem é o *criador* das verdades, as quais ele transforma ao mesmo tempo que se transforma a si mesmo. A regionalização kantiana da verdade não se perfila mais sobre o fundo de um X incognoscível, ela é sociologizada ; o geógrafo da razão humana, que Kant havia desejado ser, cede doravante o lugar ao etnólogo e às suas investigações sobre os hábitos, usos e costumes. Eis por que as verdades são dadas como produtos de *consensos* sociais, eles mesmos determinados pelos dados histórico-econômicos. Desde então as verdades tornam-se filhas da história do mundo e do mundo da história. São assim reduzidas a simples valores de uso ou a simples valores de troca, valores que se desmonetizam para ceder lugar a outros, conforme as necessidades daqueles que os utilizam.

Nesse Destino da Verdade ao qual nos encontramos confrontados exatamente como ao nascimento, à vida, ao sofrimento, à velhice e à morte, devemos integrar duas concepções do mundo que fazem parte dele, ainda que pareçam estar nos antípodas uma da outra : o sociologismo e a teoria da Relatividade.

Montaigne havia afirmado : “Cada um chama de barbárie aquilo que não é do seu costume” ; no capítulo dos *Ensaio*s intitulado “Do costume, e de não mudar facilmente uma lei recebida”, Montaigne havia encontrado um prazer malicioso em expor diante dos nossos olhos espantados os costumes mais estranhos descobertos nos livros dos Antigos, nas narrativas dos exploradores ou dos missionários que, desde a Renascença, percorriam o mundo. Isso a fim de nos mostrar que aquilo que temos por evidente, verdadeiro, belo e bom é tido em outros lugares como incompreensível, falso, feio e mau, e que, inversamente, as idéias e práticas que denunciamos são consideradas por outros homens como modelos a seguir. Poder-se-ia portanto tirar daí a conclusão de que cada um chama “verdade” tudo aquilo que é do seu costume, já que “não temos outro ponto de mira da verdade e da razão senão o exemplo e as idéias das opiniões e usos dos países em que estamos” ; o que, e isto com freqüência se esquece, é para Montaigne o sinal de que aí não se trata da Verdade, já que “a verdade deve ter um rosto parecido e universal”. Em nossos dias, as constatações divertidas e desabusadas de Montaigne foram erigidas em método de trabalho para os sociólogos. A vontade geral, hipostasiada em absoluto indiscutível, a humanidade divinizada por Auguste Comte, oculto das infra-estruturas histórico-econômicas caras a Marx, talvez igualmente aos estruturalistas, a entronização quase sacral do fato social por Durkheim contribuíram a não deixar ver nas verdades senão os “estados fortes” de uma sociedade dada num momento da sua história ou aquilo que caracteriza uma etapa do processo histórico do Saber. Esse processo avança por revoluções englobantes e por “rupturas epistemológicas” que obrigam os homens de ciência, a cada vez, a refazer para si próprios uma vida intelectual. Desde então, a busca e a celebração dos precursores, o culto do continuísmo constituem outros tantos fantasmas a ser denunciados. Assim reforça-se de mais em mais aquela idéia de que não existe verdade senão *em situação*.

Eis por que os filósofos se comprazem nas classificações de mitologemas, nos inventários de visões do mundo ou de ideologias, que eles reduzem a sistemas de signos regidos por códigos que não levam a outra coisa senão a eles mesmos.

A fórmula de Protágoras, “o homem é a medida de todas as coisas”, reencontra por esse meio um novo ganho de atualidade, inflectindo-se segundo duas direções.

Desde logo, segundo aquela em que triunfa o *a cada um sua verdade*, que se adornará de todas as justificações pela liberdade, pela escolha, pela autenticidade, pela criatividade, e que designará, sob fórmulas obscuras mas fascinantes, idéias banais que angelizam o bem conhecido : *E se isso me agrada?*

A “coletivização” de tal atitude reencontra-se, em seguida, nos sistemas para os quais, a verdade sendo de essência social, é preciso, por um lado, “seguir a evolução dos costumes” e “viver com o nosso tempo” a fim de não esclerosar aquele social na sua obra criadora e, por outro lado, compreender que o erro e a culpa são unicamente crimes de lesa-sociedade ; todas essas perspectivas são escoradas em considerações simplistas mas exaltantes sobre a solidariedade e sobre a ciência do sentido da história, detida por especialistas.

Assim, o homem não se põe mais a serviço da Verdade, ele põe a verdade a seu serviço, já que ele declarou que ele era o seu autor e, em conseqüência, o seu senhor discricionário. Essa tomada de posição reforça-se com os gritos de vitória do homem que pretende ter triunfado sobre todas as alienações, ter superado suas crises de crescimento, o que lhe permite dar-se como responsável e senhor de si mesmo. Notemos aliás que aqueles que, como um Augusto Comte, retomam a imagem clássica do progresso realizado pelo hiper-organismo social no curso do seu crescimento, progresso que o teria feito passar da infância à adolescência e daí à maturidade, interrompem aí o seu paralelo e não falam de velhice, de agonia nem de morte, de tal modo estão persuadidos de que o Homem, ser autocriador, assegura e renova sua imortalidade triunfante através da história.

\*